



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,
Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal O Tempo, de Minas Gerais**

Publicada em 17 de abril de 2008

Jornalista: O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) é hoje o principal projeto de desenvolvimento e infra-estrutura do país. Já é possível ter uma medida do impacto do programa, em especial em Minas Gerais, e em qual setor é esperado os maiores resultados?

Presidente: Quando lançamos o PAC, em janeiro do ano passado, alguns setores reagiram com incredulidade. Após um ano de trabalho, a incredulidade foi substituída pela confiança de que o Brasil está crescendo vigorosamente e vai se desenvolver cada vez mais. O PIB do País cresceu 5,4 %, puxado tanto pela demanda interna quanto pelas exportações. Cresceu também o emprego, a renda e o crédito. Em Minas o PAC prevê R\$ 32,7 bilhões em investimentos em logística, energia e infra-estrutura urbana. Com a concessão da Fernão Dias, serão R\$ 728 milhões para sua modernização. Na modernização da Refinaria Gabriel Passos, são R\$ 1,7 bilhão e na Usina Hidrelétrica de Simplício investiremos mais R\$ 1,2 bilhão. Em habitação e saneamento, destinamos R\$ 6,8 bilhões para melhorar a vida dos mineiros. São mais de 380 municípios beneficiados com ações de urbanização de favelas como Vila São José e Morro das Pedras, em Belo Horizonte; Ribeirão dos Arrudas, em Contagem; Santinho e Rosa Neves, em Ribeirão das Neves, e muitas outras. A despoluição das bacias dos rios das Velhas, Paraopebas, Pampulha e Ribeirão da Mata também vão ajudar na revitalização do Rio São Francisco e melhorar a qualidade de vida do povo mineiro.



Jornalista: Como manter o nível de investimentos do PAC nos próximos anos, tendo em vista a perda de receita do governo, por exemplo, com o fim da CPMF, e o consenso no Congresso e no setor privado sobre a necessidade da reforma tributária para a redução de impostos?

Presidente: Quando tomei a decisão de montar o PAC, no final de 2006, determinei aos meus ministros que não faltassem recursos para os investimentos selecionados. Fizemos um planejamento estratégico até 2010. É claro que, com a perda da CPMF, tivemos que fazer ginástica para assegurar a continuidade do programa. Mas acredito que, hoje, esse desafio está sendo superado. Ajustamos o orçamento do ano, com cortes de quase R\$ 20 bilhões, mas os recursos para o PAC foram totalmente preservados. Ao mesmo tempo, cumprimos nosso compromisso e encaminhamos ao Congresso Nacional uma proposta de reforma tributária. Estou confiante de que o Congresso Nacional terá a sensibilidade para votá-la em breve. Ela vai trazer benefícios para toda a sociedade brasileira.

Jornalista: O surto de dengue este ano no Rio de Janeiro tem o registro de mais de 1.000 casos e pelo menos 70 mortes. O problema já ocorreu em anos anteriores em outros Estados como São Paulo e Minas Gerais. Por que, mesmo com um anúncio de um PAC exclusivo para a área de saúde, não se consegue evitar a incidência em grandes proporções da dengue no país e quais medidas serão tomadas para evitar um novo quadro similar ao do Rio no próximo ano?

Presidente: Em primeiro lugar, é importante dizer que em 2008 houve uma redução significativa dos casos de dengue em praticamente todas as regiões do País. Temos, sim, um problema sério localizado na cidade do Rio de Janeiro. Veja que mesmo municípios próximos, como Niterói, por exemplo, não



tiveram aumento no número de casos. E aí temos que reconhecer que todos são responsáveis pelo que aconteceu no Rio: a prefeitura, o governo estadual, o governo federal e até a população, que não pode se descuidar das medidas de prevenção. De nossa parte, em 2007 o Ministério da Saúde repassou R\$ 685 milhões para estados e municípios aplicarem em ações de combate à dengue. Além disso, lançou, em outubro, uma campanha para orientar as pessoas sobre como evitar a proliferação do mosquito transmissor. Isso explica o resultado positivo na maioria dos estados e municípios. Só no ano passado, destinamos ao Estado do Rio de Janeiro R\$ 54 milhões, sendo R\$ 22,4 milhões para a Prefeitura da capital. Diante do aumento de casos, enviamos técnicos para acompanhar de perto a situação e fizemos um repasse financeiro adicional para a aquisição de capas de vedação para caixas d'água e intensificação de ações de controle do *aedes aegypti* em todo o estado. As Forças Armadas foram acionadas para montar hospitais de campanha e ampliar o atendimento de quem já está doente. Vamos continuar trabalhando sem descanso, com o governo do Estado e com a Prefeitura, para controlar a doença e garantir um atendimento digno aos pacientes do Rio de Janeiro. O PAC da Saúde, fundamental para reforçar todas essas ações, dependia dos recursos da CPMF, que o Senado Federal derrubou. Mesmo assim, com saúde não se brinca. Então, estamos nos desdobrando para garantir os investimentos para que ele aconteça.

Jornalista: As eleições municipais deste ano acabaram motivando uma antecipação do cenário eleitoral de 2010. Em Belo Horizonte, o PT aprovou uma aliança com o PSDB, antes mesmo de unificar legendas da base aliada do governo, como o PMDB. Como o senhor analisa o quadro da sucessão na capital mineira e a possibilidade do PT defender uma aliança suprapartidária em 2010 como garantia de continuidade dos programas desenvolvidos pelo seu governo?



Presidente: O Presidente da República não deve dar palpite sobre um acordo feito para uma cidade brasileira. Cabe aos mineiros decidir sobre a política de Minas, levando em conta a necessidade da manutenção e do fortalecimento das alianças nacionais. De minha parte, acho positiva a busca de entendimento, embora nem sempre isso seja possível. No plano administrativo, me entendo bem com o Serra, com o Aécio, trato todos os governadores com o maior carinho. Com o PAC, estamos fazendo uma enorme transferência de recursos do governo federal para os estados, independentemente de partido ou posição ideológica. Sobre 2010, ainda é muito cedo para se pensar em eleição presidencial. Minha preocupação agora é governar bem e cumprir o mandato que o povo brasileiro me confiou em 2006.

(\$31DHKLP)